

ANDRÉ LETRIA

Entrevistado por Maria Augusta Silva

Entrevista realizada na ocasião em que recebeu o Prémio Nacional de Ilustração.

Um traço sinónimo de qualidade. Desenho e cor para a infância. Aos 26 anos ganha a 4ª edição do Prémio Nacional de Ilustração. Iniciou muito jovem uma carreira artística no âmbito, sobretudo, da ilustração de livros para crianças, muitos dos quais escritos pelo pai, José Jorge Letria. A sua intervenção criativa na obra do pai ocupa espaço alargado na entrevista: «Há vantagens em sermos da mesma família por convivermos mais.» Argumentamos: «Podiam ser da mesma família e andar à batatada...». Responde: «Mas damo-nos bem. Mesmo que, de vez em quando, andemos à batatada, juntamo-nos para fazer coisas bonitas.»

Contaram-lhe histórias para adormecer?

Não me lembro. Acho que adormecia rapidamente, sem contar carneirinhos, mas deitava-me tarde. A minha mãe metia-me na cama cedo. Dormir logo é que não! Tenho um irmão apenas dois anos mais novo do que eu, então fechávamos a porta do quarto e era o desassossego geral.

Como ganhou sensibilidade para ilustrar livros como tantos dos quais seu pai (José Jorge Letria) é autor?

Graças ao meu pai sempre convivi com o mundo das crianças, quer através dos livros quer das letras para canções infantis.

Um fascínio congénito?

Nunca tive dúvidas sobre o que gostava: pintura e desenho. Matriculei-me em Belas-Artes e ainda estou inscrito; com estes afazeres, o estudo vai ficando para trás... Mas, curiosamente, só mais tarde comecei a sentir interesse pela ilustração infantil.

Com apenas 26 anos acaba de conquistar o Prémio Nacional de Ilustração, que distinguiu o seu trabalho em *Versos de fazer ó-ó*. Soube-lhe a quê?

Que nem ginjas! É um estímulo muito forte para fazer mais coisas. E deixe-me sublinhar, também, o excelente grafismo do livro, assinado por Jorge Silva, e a qualidade de produção que permitiu um resultado compensador. É um exemplo de como um produto elaborado pode ser acessível.

Ao olhar-se para as ilustrações deste livro, pergunta-se: foram os versos que inspiraram os desenhos ou os desenhos fizeram nascer os versos?

Regra geral — e acontece assim com o meu pai e com outros autores —, crio as ilustrações a partir do texto. Há vantagens em sermos da mesma família por convivermos mais.

Podiam ser da mesma família e andar à batatada...

Mas damo-nos bem. Mesmo que, de vez em quando, andemos à batatada, juntamo-nos para fazer coisas bonitas.

O ilustrador tem de ser tão ou mais criativo do que o escritor?

Pelo menos, igual. O ilustrador deve ser capaz de pegar no texto, entrar nele, percebê-lo, desmontá-lo e reconstruí-lo numa outra dimensão criativa.

Tem afinidades com a escrita de José Jorge Leiria?

Sendo meu pai, ensinou-me, de certo modo, uma maneira de ver as coisas. Na área da escrita para crianças, admiro o sentido de humor que tem, mas longe da minha ideia minimizar o valor de outros autores. Gosto muito, também, da faceta humorística de António Torrado.

Já lhe aconteceu estar a ler um poema do seu pai para ilustrar e dizer-lhe: não gosto disso...

Sim, e às vezes o meu pai reconsidera, porém não me sinto no direito de o levar a alterar nada. Digo se gosto ou não. O contrário também sucede, talvez menos vezes porque ele é um pai babado. Temos uma relação aberta.

O seu pai sentir-se-á criança ao escrever para os mais pequenos?

Nunca perdeu a idade do encantamento. Talvez por isso a gente se compreenda, o que é ótimo para se trabalhar em conjunto.

Da sua parte, necessita de fazer um esforço para visitar o universo infantil?

Sinto-me bem na minha idade e não preciso sair dela para encontrar o mundo da infância. Talvez consiga manter este espírito jovem se continuar a conviver com o meu pai da mesma maneira e se ele conseguir transmitir-me sempre esta alegria.

Há entre os dois uma grande cumplicidade?

Uma coisa matreira... E cumplicidade de certeza.

É difícil ser ilustrador profissional em Portugal?

Está a melhorar, mas ainda é complicado. Há, contudo, pessoas espantosas como o João Paulo Cotrim, da Bedeteca de Lisboa, que fazem mexer as coisas. De qualquer modo, o mundo das editoras continua pouco interessado, o que torna difícil a um ilustrador viver (sobreviver) só com essa ocupação.

Do mesmo se queixam os escritores...

É verdade.

Das ilustrações de *Versos de fazer ó-ó*, permita-me destacar um nariz de Pinóquio com pés! O André quando mente foge logo?

Em pequeno acreditava que o nariz me crescia ao mentir, embora fossem mentiras inocentes. Mas não tenho problemas em continuar a embarcar nessas fantasias, tem vantagens quando se trabalha numa área como a de um público infantojuvenil.

Com que materiais costuma trabalhar? Ficam dispendiosos?

Uso normalmente tinta acrílica sobre papel. Os custos variam, tanto no que diz respeito ao tempo necessário para realizar determinado trabalho como no que toca à matéria-prima.

Criar ilustrações de tão grande beleza e requinte como as deste último livro implica muito tempo de trabalho?

Neste caso, até me atrasei. O livro devia ter sido editado em 1998, mas, felizmente, houve um atraso da minha parte.

Fica feliz quando se atrasa?

Sinto-me feliz quando essa demora significa exigência de mais, qualidade a mim próprio, lutando contra as pressões dos prazos.

Desenhar, ilustrar é uma outra forma de escrever e de ler. Tem hábitos de leitura?

Chateio-me muito por não conseguir ler tanto como desejo. Leio muitas coisas ao mesmo tempo, o que me deixa a sensação de nunca acabar de ler um livro. Gostava de conseguir ler como o meu pai. Estou sempre a falar nele, mas creio que me entenderão: é, para mim, uma referência.

Preferências literárias?

Coisas de história. Procuro os poetas portugueses (lá está... para não ficar só pelo meu pai). Quem trabalha em ilustração precisa de saber interpretar textos e não pode estar divorciado da leitura.

Lembra-se de alguma malandrice que tenha feito em criança?

Ainda hoje faço algumas... Não se pense, no entanto, que sou um malandro.

Relacionou-se sempre bem com os seus avós?

Convivo mais com a avó paterna. Mas também me dou bem com a minha avó materna, só que a vejo menos vezes. Gosto muito de ambas. Já perdi os dois avôs.

Colhe ensinamentos das avós?

A imagem imediata que tenho da minha avó paterna é a das malandrines que fazia ao meu pai. Ainda hoje é brincalhona, não perde a oportunidade para nos pregar uma partida. Se tenho uma queda para as malandrines (embora não tenha revelado nenhuma!), de certeza que aprendi com ela.

Dá-se bem com o seu mediático tio (Joaquim Letria)?

Desde miúdo que me habituei a vê-lo na televisão e nos jornais. Sinto admiração por ele.

Continua a dormir bem como em pequeno?

Tenho um sono pesado.

Gostaria de ver expostas as suas ilustrações?

Com certeza, num espaço adequado, embora o livro seja o veículo preferencial para a divulgação destes trabalhos.

Há dias entrevistei a Matilde Rosa Araújo, nome grande da literatura infantil. É possível o encontro de gerações distanciadas?

Porque não? Gosto muito da escrita de Matilde. Poderá parecer uma ousadia da minha parte, mas gostaria de ilustrar livros de quem é uma referência de sempre e para sempre.

Acredita que a expressão literária e a ilustração com suporte de papel ainda chegarão aos seus filhos e netos?

Na sua pergunta está implícita a questão das novas tecnologias: o livro vai morrer? Julgo que nunca acontecerá. Talvez o escritor e o ilustrador devam, contudo, estar mais próximos da criança de hoje.

Tem o privilégio do encantamento?

Não sei se consigo encantar, vou tentando.

© *MARIA AUGUSTA SILVA*